

Katherine Mansfield canta no oceano profundo

Katherine Funke¹

ENTRE O PRIMEIRO LIVRO DE KATHERINE MANSFIELD (1888–1923) PUBLICADO NO BRASIL, EM 1940, E O seguinte, fez-se um silêncio de 44 anos². As razões da imensa pausa ainda precisariam ser melhor investigadas, assim como o próprio modo de circulação da obra de Mansfield no Brasil. "In the middle of the note", para usar uma expressão típica da autora, outro fato é que, em 2023, ainda não saiu por aqui nenhum livro reunindo suas poesias: e ela deixou ao menos 217 poemas³, dos quais pelo menos 62 já estavam disponíveis desde o ano de sua morte, quando foram editados pelo viúvo John Middleton Murry sob o título *Poems* (1923).

A obra de Mansfield em versos chegou com atraso à América do Sul. Mas chegou: na Argentina, em 2006, surgiu a antologia bilingue *Té de manzanilla y otros 29 poemas*, em tradução de Mirta Rosenberg e Daniel Samoilovich, reeditada em 2018⁴. Mas em 2022, outra antologia bilingue de versos de Mansfield, intitulada *Pájaro de invierno*⁵, chegou a ser premiada pela Asociación de Literatura Infantil y Juvenil de la Argentina (ALIJA), na categoria de melhor livro traduzido do período de 2020–2021. Enquanto isso, no Brasil, a notícia mais recente é a da publicação de uma nova tradução, pela editora Alumbre⁶, do seu primeiro livro de contos, *In a german pension* (1911) — título que, aliás, ela não quis ver reimpresso em vida. Mas o leitor brasileiro tem agora mais uma versão, a segunda disponível — justamente para aquilo que Mansfield gostaria que não circulasse.⁷

Traduzir Mansfield, por outro lado, nunca foi tarefa fácil. Até os franceses, ao verterem a prosa (contos, diário, cartas) deixam muito a desejar em relação ao humor característico da autora.⁸ No Brasil, Érico Veríssimo parece ter tido problemas com outro aspecto da obra, já que omitiu o conto "The man without a temperament" de sua versão para o livro *Bliss and other stories* (1920), o segundo livro de Mansfield. Aí está outra lacuna ainda não comentada que vem passando despercebida desde a publicação de *Felicidade*, em 1940, talvez porque o conto foi substituído por outro, "Her first ball", colhido do terceiro livro de Mansfield, *A garden party* (1922), não alterando o número total de histórias reunidas.

Érico Veríssimo não comenta sua decisão de evitar essa história no conto "Conversa com o fantasma de K. Mansfield", suposto diálogo de um alter ego do tradutor, Feliciano, com a escritora. Também Ana Cristina César,

¹ Doutoranda em Literatura pela UFSC. E-mail: funkeaovivo@gmail.com.

² BOTMANN, D. Katherine Mansfield no Brasil. In: Não gosto de plágio [blog], 5 de jun. de 2016. Disponível em: <<http://naogostodeplagio.blogspot.com/2016/06/katherine-mansfield-no-brasil.html>>.

³ MANSFIELD, K. *The Collected Poems of Katherine Mansfield*. KIMBER, G.; DAVISON, C. (org.). Edinburgh: Edinburgh University Press, 2016.

⁴ MANSFIELD, K. *Té de manzanilla y otros 29 poemas*. Tradução de Mirta Rosenberg e Daniel Samoilovich. Buenos Aires: Bajolaluna, 2018.

⁵ MANSFIELD, K. *Pájaro de Invierno*. Tradução de Laura Wittner. Buenos Aires: Editorial Maravilla, 2021.

⁶ MANSFIELD, K. *Numa pensão alemã*. Tradução de Carla Kühlewein e Marcia Paganini. Londrina: Alumbre, 2022.

⁷ STARK, C. G. Um diamante lapidado. In: MANSFIELD, Katherine. *Numa pensão alemã*. Tradução de Julieta Cupertino. Rio de Janeiro: Revan, 1998.

⁸ KIMBER, G. 'Among Wolves' or 'When in Rome?': Translating Katherine Mansfield. In: KIMBER, G.; DAVISON, C.; MARTIN, T. (org.). *Katherine Mansfield and Translation*. Edinburgh: Edinburgh University Press, 2015.

ao retraduzir o conto-título de *Bliss* em "Êxtase"⁹, não chega a analisar a omissão realizada pelo colega gaúcho no volume *Felicidade* — título que, aliás, fez tanto sucesso que, na ausência de novas traduções de Mansfield na época, foi republicado pela Nova Fronteira nos anos 1970, com outra capa e o apelativo *slogan* "O best-seller que comoveu duas gerações".

Por que este fato mereceria atenção? "*The man without a temperament*" foi um conto ao qual Mansfield se dedicou intensamente e sobre o qual escreveu com paixão em seus diários: anotou ter trabalhado desde a manhã de 11 de janeiro de 1920 até meia noite e quinze do dia seguinte, "apenas parando para comer", nesta história, que originalmente se chamava "*The exile*". Mesmo se sentindo muito cansada e doente, acordou às cinco e meia da manhã para terminá-la. Virginia Woolf acompanhou o caso e registrou em seus próprios diários que Mansfield sabia que, ali, havia usado pela primeira vez uma "*new manner*", finalmente o começo da realização de sua meta como ficcionista: "*She says she's mastered something — is beginning to do what she wants.*"¹⁰

Quem sabe outra expressão típica de Mansfield possa ser útil para compreender a decisão do tradutor: "*musically speaking*", existe grande complexidade na composição de "*The man without a temperament*". Nesta história, ela explora o recurso da repetição, o ritmo das frases, a reverberação dos ecos. Uma musicalidade imbricada, em que cada palavra está no lugar certo, resultado de uma técnica de escrita bastante consciente do efeito de leitura desejado. Esse texto exigiria uma tradução não literal, uma tradução recriadora, forte demanda que também se encontra na sua obra poética.

Tome-se por exemplo "*Night-Scented Stock*", peça que já aparecia, em 1923, no subcapítulo de escritos entre 1917 e 1919. Ao modo de uma rapsódia húngara — peça musical curta típica do século XIX —, o poema, ao mesmo tempo, conta uma história (possui um enredo) e convida à dança (performa uma melodia, com ritmo e dinâmica). Faz isso por meio do *enjambement*, combinando o uso convencional das rimas com uma inovação não-convencional, entre uma atmosfera de conto de fadas e também de uma improvisação quase jazzística:

*The tightly packed musical textuality of "Night-Scented Stock" offers an exquisite example of literary ekphrasis, when one aesthetic medium transforms into another: sound becomes words and colors, musical phrasing becomes syntax, metaphors come alive (the piping voice of a flute), the flowing sequence of phrases becomes dance, scenes become sound. Overall, the sketchy montage of disparate, disconnected snippets of voice reflects the underlying tempo of music — no longer the traditional story-telling pulse of ballads as in the first stanzas, but the music of jazz (the musical novelty of the era) perhaps, with its shifting rhythms, off-beat pulse, unexpected syncopations, and improvised half-echoes.*¹¹

Estas observações também poderiam ser feitas para o conto "*The man without a temperament*" e transbordam para outras escritas de Mansfield que ainda não foram traduzidas no Brasil. Um dos autores brasileiros que tratou de conversar com a complexidade desta fase da obra da autora, incorporando citações ou pastiches de alguns de seus poemas, cartas, entradas nos diários e também de seus contos, foi Dalton Trevisan.¹²

⁹ CESAR, A. C. (1999). *Crítica e tradução*. São Paulo: Ática.

¹⁰ WOOLF, V. *The Diary of Virginia Woolf, Volume Two 1920-1924*, by Anne Olivier Bell, Andrew McNeillie, p. 25.

¹¹ DAVISON, C. Katherine Mansfield's Musical World. In: MARTIN, T. (org.). *The Bloomsbury Handbook to Katherine Mansfield*. London: Bloomsbury Publishing, 2021, p. 265.

¹² Sobre a relação de Dalton Trevisan com Katherine Mansfield há uma tese de doutorado em andamento, desenvolvida pela autora deste artigo no âmbito do PPG-Lit da UFSC, com Bolsa Capes. Será defendida no ano de 2023.

As mais recentes traduções de poemas de Mansfield no Brasil estão disponíveis em arquivos *online*: foram publicados "Malade"¹³ e "Chegada"¹⁴, ambos em 21 de outubro de 2021, no blog da editora *Toma Aí Um Poema*, com assinatura de Inês Dias. "Malade" e "Chegada" são poemas curtos, inicialmente escritos em prosa como entradas no diário de Mansfield e classificados como "no good"; mais tarde, a autora os reescreveu em versos.¹⁵

"Malade" já havia recebido uma tradução de Inês Dias cinco anos antes.¹⁶ Os outros quatro publicados em 2017 variam de forma. O primeiro e o último são textos em prosa: "Ao longo da Gray's Inn Road" ["*Along the Gray's Inn road*"], que abre a série, têm quatro parágrafos; "Estudo: a morte de uma rosa" ["*Study: the death of a rose*"], cinco; já o segundo e o terceiro poemas são em versos livres: são um poema sem título, cujo primeiro verso é "Houve em tempos um rapaz" ["*There was a child once*"], e "O homem da perna de pau" ["*The man with the wooden leg*"]. Em 2019, a mesma tradutora teve publicadas parte dessas versões em "Quatro poemas de Katherine Mansfield"¹⁷.

Em fevereiro de 2021, sob o título "Poesia, conto e pseudônimo: três poemas de Katherine Mansfield", a revista *Mallarmagens* publicou as versões de Júlia Rodrigues para os poemas "*Now I'm a plant, a weed...*", "*The Gulf*" e "*Butterfly Laughter*"¹⁸. Os três são poemas curtos, em versos rimados. Antes destas datas, não foram rastreadas outras publicações similares.

Histórico

A principal referência atual para quem deseja conhecer a poesia de Katherine Mansfield são as 217 peças reunidas pelas pesquisadoras Gerri Kimber e Claire Davidson em *The Collected Poems of Katherine Mansfield* (Edinburgh University Press/Otago University Press, 2016). Destes 217, 26 poemas ainda permaneciam inéditos até aquela data: foram encontrados por Kimber em 2015, em na biblioteca Newberry, em Chicago.

*The inclusion of a collection of newly discovered poems highlights Mansfield's desire to be taken seriously as a poet from her earliest beginnings as a writer. The poems as a whole point to a poet who varied her craft as she perfected it, often witty and ironic yet always enchanted by the sound of words.*¹⁹

O encantamento de Mansfield pela sonoridade das palavras tem sido destacada por diversos estudos, que fazem referência ao modo como Mansfield considera a música provedora de propriedades sonoras da linguagem, atenta

¹³ MANSFIELD, K. *Malade*. Tradução de Inês Dias. Disponível em: <<https://tomaaiumpoema.com.br/634-katherine-mansfield-malade-poesia-da-nova-zelandia/>>. Acesso em 29. abr. 2022.

¹⁴ MANSFIELD, K. *Chegada*. Tradução de Inês Dias. Disponível em: <<https://tomaaiumpoema.com.br/634-katherine-mansfield-chegada-poesia-da-nova-zelandia%EF%BF%BC/>> Acesso em: 29. abr. 2022.

¹⁵ BALDT, E. Katherine Mansfield's Poetry. In: MARTIN, T. (org). *The Bloomsbury Handbook to Katherine Mansfield*. London: Bloomsbury Publishing, 2021, p. 243.

¹⁶ DIAS, T. I. *Cinco poemas de Katherine Mansfield*. eLyra: Revista da Rede Internacional Lyracompoetics, [S. l.], n. 9, 2017. Disponível em: <<https://www.elyra.org/index.php/elyra/article/view/184>>. Acesso em: 29.abr.2022.

¹⁷ DIAS, T. I. *Quatro poemas de Katherine Mansfield*. Disponível em: <<http://hotblog7faces.blogspot.com/2019/03/quatro-poemas-de-katherine-mansfield.html>>. Acesso em: 29. abr. 2022.

¹⁸ RODRIGUES, J. C. *Poesia, conto e pseudônimos: três poemas de Katherine Mansfield*. Mallarmagens. Disponível em: <<http://www.mallarmagens.com/2021/02/mallarseries-nau-corsaria-poesia-conto.html>>. Acesso em: 30. abr. 2022.

¹⁹ KIMBER, G; DAVIDSON, C. S/T. Disponível em: <<https://www.otago.ac.nz/press/books/otago625106.html>> Acesso em: 30. abr. 2022.

ao que a literatura inglesa absorveria de Baudelaire e Mallarmé a partir de 1890.²⁰ Em termos de crítica genética, em uma busca dos processos criativos de Mansfield e do que se poderia chamar de "ação transformadora"²¹, há de fato um material muito rico em seus diários e cartas, onde surgem muitas referências de suas leituras críticas, desde, por exemplo, uma entrada de fevereiro de 1914, em que ela cita um verso de Temple e comenta "*That's the sort of strain — not for what it says and means, but for the 'lilt' of it — that sets me writing.*" No ano seguinte, em uma carta de 1915, ela critica os autores reunidos no Oxford Book of English Verse:

*I turned over pages and pages and pages. But except for Shakespeare and Marvell and just a handful of others it seems to be a mass of falsity. Musically speaking, hardly anyone seems to even understand what the middle of the note is — what that sound is like. It's not perhaps that they even 'sharp' or 'flat' — it's something more subtle — they are not playing the very note itself. [grifos do original]*²²

Também nas resenhas escritas para o *Athenaum*, ela mencionava ler muita poesia, por exemplo, Verhaeren, Mallarmé e Régner. Em "*Hipertrophy*", resenha "*Development*", novela de W. Bryher.²³

Mas qual a relevância, afinal, da poesia de Katherine Mansfield, escrita em versos, diante da prosa que ela desenvolveu de forma única em seus contos? Este tema tem sido discutido pelos estudiosos da obra mansfieldiana especialmente desde a publicação, por Vincent O'Sullivan, da primeira antologia ampliada de poemas mansfieldianos, em 1990. Ele mesmo propõe os usos possíveis deste arquivo:

*We may regard her poetry now as Mansfield herself tended to think of it — unassuming, often slight, serviceable enough for occasional published excursions into inherited effects and derived styles, yet capable too of unexpectedly inventive turns and intensity. Or we may read it for its vivid biographical facets, the quick clarities of her attention as it catches at angles of memory or self-scrutiny.*²⁴

A presença da poesia na obra de Mansfield ultrapassa a forma dos versos e está em seus contos; ao mesmo tempo, também se entende que estudar a fundo o que ela escreveu em versos colabora para ampliar a percepção de suas escolhas como contista e mesmo de fases de sua vida. Uma das contribuições mais relevantes está em acompanhar o desenvolvimento de temas e o retorno (ou a evolução do uso) de certos recursos entre poemas e contos. Por exemplo, a presença constante do mar, já desde os 8 anos de idade, quando venceu um concurso com uma peça intitulada "*A sea voyage*". Mais tarde, escreveu o poema "*The Sea*", cujo efeito rítmico das ondas do mar em analogia com as batidas do coração reapareceu em 1921, dois anos antes de sua morte, no conto *At the bay*.²⁵ O uso de arquétipos relativos à infância e à maternidade, assim como à animalidade e à natureza, ao ciclo nascimento/morte e à transmutação, também pode ser identificado.

²⁰ CORREA, D. Katherine Mansfield and Music: Nineteenth-Century Echoes. In: KIMBER, G; WILSON, J. (org.). *Celebrating Katherine Mansfield. A Centenary Volume of Essays*. Hampshire: Palgrave Macmillan, 2011, p. 86.

²¹ SALLES, C. A. *Gesto inacabado: processo de criação artística*. 4ª ed. São Paulo: Annablume, 2009, p. 88.

²² MANSFIELD, K. *The letters and journals of Katherine Mansfield: a selection, edited by C. K. Stead*. NY/London: Penguin Books, 1977, p. 63.

²³ MANSFIELD, K. *Hipertrophy*. In: *Complete works of Katherine Mansfield*. London: Delphi Classics, 2012. (recurso digital)

²⁴ O'SULLIVAN, V. Introduction. In: *Poems of Katherine Mansfield*. Auckland: Oxford University Press, 1990, xiii.

²⁵ BALDT, K. Katherine Mansfield's Poetry. In: MARTIN, T. (org.). *The Bloomsbury Handbook to Katherine Mansfield*. London: Bloomsbury Publishing, 2021, p. 234.

Quanto às influências da poeta, em 1907, aos 19 anos de idade, ela chegou a reunir para publicação um caderno de poemas para crianças escritos à luz direta de Robert Stevenson e Andersen. A aparição de imagens influenciadas por estes autores nos primeiros poemas ainda neozelandeses, como a figura da Rainha da Neve (atribuída a Andersen), chegou aos contos escritos na Alemanha. Mais tarde, os poemas de Mansfield se aproximariam mais do estilo do poeta alemão Heinrich Heine²⁶, tanto pela criação de sequências de poemas aparentemente avulsos, que depois voltam em ciclos interligados por um sentido identificável, quanto por alguns temas e estratégias de uso de máscaras e duplos, o que vem sendo analisado mais detalhadamente por Claire Davison com resultados publicados desde 2018.²⁷ Outra colaboração do estudo da obra poética para novas leituras de Mansfield está em perceber melhor o modo como ela constrói padrões que reverberam em diversos textos.²⁸

Arquivo à deriva: poesia

Em vida, Katherine Mansfield nunca publicou sua obra em versos em livro. Só distribuía seus poemas a periódicos e sob pseudônimo, sendo o mais conhecido deles Boris Petrovsky. Segundo a nota introdutória do volume *Poems* (1923), a preferência por pseudônimos ocorreu porque o primeiro editor de Mansfield preferia os contos de Mansfield a seus poemas. "*He wanted her to write nothing but satirical prose. This treatment made her very reserved about her verses.*"²⁹

A utilização do pseudônimo russo pela poeta Mansfield parece ter surgido da oportunidade de oferecer ao editor da *New Age* a tradução de um suposto pastiche de um outro autor russo, de nome muito parecido, publicado na revista em 1911, sem que ele desconfiasse se tratar de obra autoral. Outros pseudônimos de Mansfield foram Matilda Berry, com o qual publicou contos na revista *Signature* (1915), e Elizabeth Stanley, usado para assinar poemas na revista *Athenaeum* (1919-1920).

Poems contém cinco capítulos: "*Poems: 1909–1910*", com 11 entradas; "*Poems: 1911–1913*", com 19 entradas; "*Poems at the Villa Pauline: 1916*", com sete entradas; "*Poems: 1917–1919*", com dez entradas; "*Child verses: 1907*", com 22 entradas. O volume apresentava, portanto, um total de 62 poemas. O último capítulo foi estruturado a partir de poemas preservados por colegas escolares de Mansfield da Nova Zelândia. Os demais foram coletados nas revistas em que publicava, assim como em manuscritos ou papéis datilografados, deixados por ela, avulsos ou integrando o corpo de seus cadernos de anotações.

A nota introdutória de *Poems* faz referência à entrada de 22 de janeiro de 1916, feita por Mansfield em seu diário. Ali ela escrevia como se conversasse com o irmão, Leslie, recém-abatido em combate na Primeira Guerra Mundial. Entre outras coisas, contava que gostaria de escrever poesia. O trecho integral correspondente à parte citada é este:

Then I want to write poetry. I feel always trembling on the brink of poetry. The almond tree, the birds, the little wood where you are, the flowers you do not see, the open window out of which I lean and dream

²⁶ Idem, p. 239.

²⁷ DAVISON, C. On First Looking into Mansfield's Heine: Dislocative Lyric and the Sound of Music. In: KIMBER, G.; WILSON, J. *Re-forming World Literature Katherine Mansfield and the Modernist Short Story*. Stuttgart: Ibidem Verlag, 2018.

²⁸ Idem, p. 231–234.

²⁹ MURRY, J. Introductory note. In: MANSFIELD, K. *Poems*. London: Constable & Co., 1923, xii.

that you are against my shoulder, and the times that your photograph "looks sad". But especially I want to write a kind of long elegy to you... perhaps not in poetry. Nor perhaps in prose. Almost certainly in a kind of special prose.

A respeito do processo criativo e do tempo de maturação da obra, a nota introdutória informa que Mansfield podia passar muito tempo — semanas ou meses — sem escrever versos e depois se lançar à tarefa com grande intensidade e atenção por dias e dias seguidos.³⁰ No capítulo "*Poems at the Villa Pauline*," por exemplo, estão poemas criados durante uma semana imersiva em que

*we made a practice of sitting together after supper at a very small table in the kitchen and writing verses on a single theme which we had chosen. It seems to me now almost miraculous that so exquisite a poem as, for instance, "Voices of the Air," should have been thus composed.*³¹

O poema citado na nota introdutória, aparentemente, ainda não foi traduzido para o português brasileiro. Trata-se de:

Voices of the Air

*But then there comes that moment rare
When, for no cause that I can find,
The little voices of the air
Sound above all the sea and wind.*

*The sea and wind do then obey
And sighing, sighing double notes
Of double basses, content to play
A droning chord for the little throats—*

*The little throats that sing and rise
Up into the light with lovely ease
And a kind of magical, sweet surprise
To hear and know themselves for these—*

*For these little voices: the bee, the fly,
The leaf that taps, the pod that breaks,
The breeze on the grass-tops bending by,
The shrill quick sound that the insect makes.*³²

A sonoridade evocada pelo ritmo dos versos de fato pode oferecer uma dificuldade à tradução. No sentido de provocar novas versões, uma tradução possível se propõe aqui, em tradução livre:

Vozes do ar

Mas então vem aquele momento raro
Quando, por causas não encontradas,
As pequenas vozes do ar

³⁰ Op. cit.

³¹ Op. cit.

³² MANSFIELD, K. *Poems*. London: Constable & Co., 1923, p. 45.

Soam por cima de todo vento e mar.

Mar e vento então obedecem
E suspiram, suspiram notas duplicadas
De contrabaixos em par, contentes em tocar
Um acorde para as gargantazinhas –

As gargantazinhas que cantam e decolam
Para dentro da luz com adorável facilidade
E um tipo de mágica, surpresa doce
Em ouvirem e saberem a si mesmas – a essas –

A essas pequenas vozes: a abelha, a mosca,
A asa que bate, a casca que quebra,
A brisa balançando as pontas da grama,
O som rápido e agudo que os insetos fazem.³³

Enquanto os poemas permanecem em outro idioma, praticamente os mesmos contos de Mansfield circulam no Brasil desde os anos 1990. Em 1984, 44 anos após *Felicidade* ter surgido pelas mãos de Érico Veríssimo, a editora Global publicou a antologia *Aula de canto*³⁴. Em 1988, na Ilha de Santa Catarina, Cleber Teixeira, fundador da editora artesanal Noa Noa, trouxe pela primeira vez ao português brasileiro *Algumas cartas e trechos do diário*, com tiragem de quatrocentos exemplares, em tradução de Rosaura Eichenberg. Apenas em 1996 surgiu o volume de maior abrangência *Diários e cartas*, em tradução de Julieta Cupertino, para a Revan. Esta edição continua sendo a única versão traduzida, ainda circulando em novas reimpressões, dessa parte da produção mansfieldiana no Brasil.

Diante deste quadro, é relevante observar ainda que, no Brasil, ocorre uma contínua publicação de antologias de apenas uma parte dos contos de Mansfield em novas traduções. Em 2020, a editora Lafonte lançou uma caixa contendo quatro títulos em formato de livro de bolso: *A mosca e outras histórias*, *Felicidade e outras histórias*, *Aula de canto e outros contos* e *Je ne parle pas français e outros contos*, todos eles em tradução de Otávio Albano. Nenhum destes títulos, contudo, era novidade: o volume original *Bliss* (1920), como sabemos, já havia sido publicado em 1940.

A tradução de Veríssimo para o conto-título de *Bliss* foi analisada e combatida por Ana Cristina César nos anos 1980, que preferiu intitulá-lo "Êxtase" a "Felicidade". Edla Van Steen e Eduardo Brandão também fizeram sua própria versão de "*Bliss*" como "Infinita Felicidade", agregando-a à coletânea *Aula de canto* (Global, 1984). Embora não seja um título original ou respeitasse uma seleção equivalente a qualquer outro título original, *Aula de canto* foi um volume bastante repetido no Brasil: recebeu versão de Julieta Cupertino para a Revan (1999), e de Otávio Albano para a Lafonte (2020).

Em 1991, a editora Revan publicou uma outra seleção de contos do volume original de *Bliss*, incluindo o conto-título, reunidos como *Felicidade e outros contos*³⁵ em tradução de Julieta Cupertino.

³³ Tradução livre, parte de trabalho em andamento, desenvolvido pela autora do artigo.

³⁴ MANSFIELD, K. *Aula de Canto*. Tradução de Edla Van Steen e Eduardo Brandão. São Paulo: Global, 1984.

³⁵ MANSFIELD, K. *Felicidade e Outros Contos*. Tradução de Julieta Cupertino. Rio de Janeiro: Revan, 1991.

Doze contos de Mansfield foram reunidos no volume em capa dura editado pela Cosac Naify, em 2005, sob o título *Contos*³⁶, e apenas um deles era ainda inédito no Brasil na ocasião, "*A married man's story*", retirado do volume póstumo *The Dove's Nest and other stories*. Esta seleção corresponderia, segundo a ficha catalográfica, ao volume originalmente intitulado *Twelve stories*, editado em 1978 pela Folio Society, de Londres.

Outras antologias de contos existentes no Brasil, mas que não correspondem a uma seleção original da autora, são *Duas flores* (2001)³⁷, *Je ne parle pas français* (Revan, 1994), *As filhas do falecido coronel e outras histórias* (Ediouro, 1997)³⁸ e *Cinco contos* (1997)³⁹. Em 2016, a editora L&PM publicou uma seleção realizada e traduzida por Denise Bottmann, intitulada *Os melhores contos de Katherine Mansfield*, com dez histórias⁴⁰. A contracapa desta publicação traz, no topo, a citação "Eu tinha inveja de sua escrita. A única escrita que já invejei", assinada por Virginia Woolf.

A segunda frase desta citação, curiosamente, foi usada, no mesmo ano, no alto da contracapa de *15 contos escolhidos de Katherine Mansfield* publicada pela Record, com textos selecionados por Flora Pinheiro, em tradução de Monica Maia. A declaração "A única escrita que invejei" também surge em destaque na contracapa do volume, seguida de um trecho do *The New York Times*: "Katherine Mansfield foi a escritora mais emblemática de seu tempo".

Em 2017, o jornal Folha de São Paulo relançou *15 contos escolhidos* dentro de sua "Coleção Folha Mulheres na Literatura", como o volume de número 19. Essa edição do jornal paulistano, em capa dura, traz na contracapa — em vez da mesma fórmula usada pela Record — um paratexto assinado pela escritora e crítica literária Noemi Jaffe que inclui, ainda assim, a fala de Virginia Woolf. O texto de Jaffe, sintetiza, aliás, uma quantidade de informações sempre à tona quando se trata de Katherine Mansfield.

Embora Katherine Mansfield tenha vivido apenas 34 anos, sua escrita apresenta tamanho grau de inovação, densidade e, ao mesmo tempo, frescor, que faz pensar na literatura de alguém com muito mais experiência de vida. Mas talvez seja justamente a intensidade com que ela viveu que lhe tenha permitido criar contos inesquecíveis como "Srta. Brill" e "Felicidade", entre tantos outros. Sua crítica ferina — sem deixar de ser sutil — à burguesia do começo do século XX se faz por meio de uma penetração funda na psicologia de seus personagens, extremamente complexos e particulares. Seu domínio da técnica do "fluxo de pensamento" e a forma como conduz o leitor pela imaginação de seus personagens fizeram com que Mansfield fosse a única autora de quem Virginia Woolf dizia sentir inveja.⁴¹

A menção à Woolf é quase inevitável na apresentação dos contos de Mansfield, como nesta nota introdutória de Luiza Lobo para sua versão de *A festa ao ar livre e outras histórias*:

Mansfield talvez não tenha alcançado a notoriedade de Virginia Woolf, de quem foi não muito reconhecida inspiradora — mas foi ela quem forneceu a base dos recursos epifânicos de um estilo

³⁶ MANSFIELD, K. *Contos*. Tradução de Carlos Eugênio Marcondes de Moura e Alexandre Barbosa de Souza. São Paulo: Cosac Naify, 2005.

³⁷ MANSFIELD, K. *Duas flores*. Tradução de Fernanda Costa e Silva e Marília Garcia. Rio de Janeiro: Moby Dick, 2001.

³⁸ MANSFIELD, K. *As Filhas do Falecido Coronel e Outras Histórias*. Tradução de Luiza Lobo e Maura Sardinha. Rio de Janeiro: Ediouro, 1997 (Clássicos de Ouro).

³⁹ MANSFIELD, K. *Cinco contos*. Vários tradutores. São Paulo: Paz & Terra, 1997.

⁴⁰ MANSFIELD, K. *Os melhores contos de Katherine Mansfield*. Tradução de Denise Bottmann. Porto Alegre: L&PM, 2016.

⁴¹ JAFFE, N. Katherine Mansfield. In: MANSFIELD, K. *15 contos escolhidos*. Tradução de Mônica Maia. Coleção Folha Mulheres na Literatura. Volume 19. São Paulo: Folha de S. Paulo, 2017, s/p.

de profundas revelações ligadas aos "momentos do ser" que serviram de técnica iluminadora das personagens femininas desenvolvidas na obra de Woolf e, no Brasil, na de Clarice Lispector.⁴²

Como se pode perceber, também é bastante comum encontrar em paratextos de obras de Mansfield o relato de que a contista arrebatou Clarice Lispector, em uma livraria no Recife. De fato, foi o que Clarice contou nesta entrevista realizada um ano antes de sua morte, no Rio de Janeiro, quando lhe fizeram perguntas o casal Marina Colasanti e Afonso Romano de Sant'Anna, além de João Salgueiro, então diretor do Museu da Imagem e do Som:

JOÃO SALGUEIRO: Influência literária. Qual era o autor que mais te influenciou?

CLARICE LISPECTOR: Ah, bom! Então, com o primeiro dinheiro que eu ganhei, meu primeiro mesmo, entrei, muito altiva, numa livraria para comprar um livro. Aí mexi em todos e nenhum me dizia nada. De repente eu disse: "Ei, isso aí sou eu." Eu não sabia que Katherine Mansfield era famosa, descobri sozinha. Era o livro *Felicidade*.⁴³

Em setembro de 1944, Clarice estava lendo as cartas de Katherine Mansfield, conforme contou ao amigo Lúcio Cardoso, em carta.⁴⁴ Mas este dado é menos citado ou informado nos paratextos das publicações mansfieldianas no Brasil.

Quanto a *The garden party and other stories* (1922), é outro caso observável de edição repetida. No ano de 1993, duas editoras o fizeram ao mesmo tempo. Contudo, sob o título *A festa e outros contos* (Revan), a tradução de Julieta Cupertino trouxe apenas uma parte dos contos, cinco deles do volume original e um, "*Prelude*", retirado de *Bliss and other stories* (1920). Já a Ediouro manteve o título original *A festa ao ar livre e outras histórias*, em tradução de Luiza Lobo. Em 2016, outra versão para o mesmo título foi lançada pela Martin Claret em tradução de Lenira Esteves. O prefácio desta versão mais recente retoma clichês em torno da figura biográfica de Mansfield que nada acrescentam à sua presença brasileira. Paradoxalmente, a autora informa fazê-lo para libertar Mansfield de tais estereótipos.⁴⁵

Considerações finais

Katherine Mansfield tem muitas facetas e elas são complementares. Este artigo procurou mostrar o quanto, no Brasil, a cem anos da morte da autora, ainda se faz publicar apenas uma parte de sua obra, de um modo bastante repetitivo e sem fazer jus aos seus trabalhos de poesia. É uma pena, porque a consideração da poesia de Mansfield em versos proporcionaria condições para se perceber o que a obra de arte *faz*, a sua forma, a sua transparência, a sua luminosidade, e não exatamente o que ela *diz*, sua suposta mensagem intencional ou conteúdo oculto ou subjacente —movimento contrário à interpretação reducionista, libertador da necessidade de prover um conteúdo.⁴⁶

⁴² LOBO, L. Introdução. In: MANSFIELD, K. *A festa ao ar livre e outras histórias*. Tradução de Luiza Lobo. São Paulo: Ediouro, 1993, p. 13.

⁴³ LISPECTOR, C. *Outros escritos*. Teresa Montero, Lícia Manzo (org.). 1. ed. - Rio de Janeiro: Rocco Digital, 2015. [recurso digital], p. 296.

⁴⁴ LISPECTOR, C. *Correspondências*. Rio de Janeiro: Rocco, 2002, p. 91-92.

⁴⁵ GONÇALVES, L. Mulheres de máscara: Katherine Mansfield e a arte do conto. In: MANSFIELD, K. *A festa ao ar livre e outras histórias*. Tradução de Lenira Esteves. São Paulo: Martin Claret, 2016, p. 7.

⁴⁶ SONTAG, S. *Contra a interpretação e outros ensaios*. Tradução de Denise Bottmann. São Paulo: Companhia das Letras, 2020. [recurso digital]

Verter com força de vontade um grande volume de poemas de Katherine Mansfield para o português brasileiro, de uma só vez, poderá acrescentar mais capacidade de sentirmos a luminosidade de toda a obra da escritora: seus contos que já conhecemos, sim, mas também outros, e mais cartas, e suas resenhas, e os próprios poemas em suas diferentes fases. Aliás, todo o volume de resenhas publicadas sob o título *Novel and Novelits* (1930) também segue inédito em português brasileiro.

Todo esse debate poderia ficar bem mais acessível e enriquecido entre quem lê, estuda ou simplesmente ama a obra de Mansfield no Brasil se houvesse, por aqui, a reunião de sua obra em versos em livro. "Musicalmente falando", portanto, talvez não exista forma melhor de avançar no tema do que trazendo mais um poema ainda inédito de Mansfield no Brasil, escolhido aqui pela perfeita analogia de seu tema com a situação analisada.

The secret

*In the profoundest ocean
There is a rainbow shell,
It is always there, shining most stilly
Under the greatest storm waves
That the old Greek called "ripples of laughter."
As you listen, the rainbow shell
Sings — in the profoundest ocean.
It is always there, singing most silently!*⁴⁷

Como esta concha, a obra poética de Mansfield segue cantando, tranquila e secretamente, escondida ainda no oceano profundo do idioma original.

O segredo

No oceano mais profundo
Lá está uma concha de arco-íris
Ela está sempre lá, brilhando muito tranquilamente
Debaixo das maiores tempestades
Que os antigos gregos chamavam "ondas de riso."
Se você ouvir, a concha de arco-íris
Canta — no oceano mais profundo.
Ela está sempre lá, cantando muito silenciosamente!

⁴⁸

Referências

BALDT, E. Katherine Mansfield's Poetry. In: MARTIN, Todd (org). *The Bloomsbury Handbook to Katherine Mansfield*. London: Bloomsbury Publishing, 2021.

BOTMANN, D. Katherine Mansfield no Brasil. In: Não gosto de plágio [blog], 5 de jun. de 2016. Disponível em: <<http://naogostodeplagio.blogspot.com/2016/06/katherine-mansfield-no-brasil.html>>.

⁴⁷ MANSFIELD, K. *Poems*. London: Constable & Co., 1923, p. 31.

⁴⁸ Tradução livre, parte de trabalho em andamento, desenvolvido pela autora do artigo.

CÉSAR, A. C. *Crítica e tradução*. São Paulo: Ática, 1999.

CORREA, D. da S. Katherine Mansfield and Music: Nineteenth-Century Echoes. In: KIMBER, G.; WILSON, J. (org.). *Celebrating Katherine Mansfield. A Centenary Volume of Essays*. Hampshire: Palgrave Macmillan, 2011, p. 86.

DAVISON, C. Katherine Mansfield's Musical World. In: MARTIN, T. (org.). *The Bloomsbury Handbook to Katherine Mansfield*. London: Bloomsbury Publishing, 2021.

DAVISON, C. On First Looking into Mansfield's Heine: Dislocative Lyric and the Sound of Music. In: KIMBER, G.; WILSON, J. *Re-forming World Literature Katherine Mansfield and the Modernist Short Story*. Stuttgart: Ibidem Verlag, 2018.

DIAS, T. I. *Cinco poemas de Katherine Mansfield*. eLyra: Revista da Rede Internacional Lyracompoetics, [S. l.], n. 9, 2017. Disponível em: <<https://www.elyra.org/index.php/elyra/article/view/184>> Acesso em: 29. abr. 2022.

DIAS, T. I. *Quatro poemas de Katherine Mansfield*. Disponível em: <<http://hotblog7faces.blogspot.com/2019/03/quatro-poemas-de-katherine-mansfield.html>>. Acesso em: 29. abr. 2022.

ESTEVES, L. R. Nota da tradutora. In: MANSFIELD, K. *A festa ao ar livre e outras histórias*. Tradução de Lenita Esteves. São Paulo: Martin Claret, 2016.

GONÇALVES, L. de S. Mulheres de máscara: Katherine Mansfield e a arte do conto. In: MANSFIELD, K. *A festa ao ar livre e outras histórias*. Tradução de Lenita Esteves. São Paulo: Martin Claret, 2016.

JAFFE, N. Katherine Mansfield. In: MANSFIELD, K. *15 contos escolhidos*. Tradução de Mônica Maia. Coleção Folha Mulheres na Literatura. Volume 19. São Paulo: Folha de S. Paulo, 2017, s/p.

KIMBER, G. 'Among Wolves' or 'When in Rome?': Translating Katherine Mansfield. In: KIMBER, G.; DAVISON, C.; MARTIN, T. (org.). *Katherine Mansfield and Translation*. Edinburgh: Edinburgh University Press, 2015.

KIMBER, G.; DAVISON, C. S/T. Disponível em: <<https://www.otago.ac.nz/press/books/otago625106.html>>. Acesso em: 30. abr. 2022.

LOBO, L. Introdução. In: MANSFIELD, K. *A festa ao ar livre e outras histórias*. Tradução de Luiza Lobo. São Paulo: Ediouro, 1993.

LISPECTOR, C. *Outros escritos*. MONTERO, T; MANZO, L. (Org.). 1. ed. - Rio de Janeiro: Rocco Digital, 2015. [recurso digital]

LISPECTOR, C. *Correspondências*. Rio de Janeiro: Rocco, 2002.

MANSFIELD, K. *A festa ao ar livre e outras histórias*. Tradução de Lenita Esteves. São Paulo: Martin Claret, 2016.

MANSFIELD, K. *As filhas do falecido coronel e outras histórias*. Tradução por Luiza Lobo e Maura Sardinha. Rio de Janeiro: Ediouro, 1997 (Clássicos de Ouro).

MANSFIELD, K. *Aula de Canto*. Tradução de Edla Van Steen e Eduardo Brandão. São Paulo: Global, 1984.

MANSFIELD, K. *Duas flores*. Tradução de Fernanda Costa e Silva e Marília Garcia. Rio de Janeiro: Moby Dick, 2001.

MANSFIELD, K. *Chegada*. Tradução de Inês Dias. Disponível em: <<https://tomaaiumpoema.com.br/634-katherine-mansfield-chegada-poesia-da-nova-zelandia%EF%BF%BC/>> Acesso em: 29. abr. 2022.

MANSFIELD, K. *Cinco contos*. Vários tradutores. São Paulo: Paz & Terra, 1997.

MANSFIELD, K. *Contos*. Tradução de Carlos Eugênio Marcondes de Moura e Alexandre Barbosa de Souza. São Paulo: Cosac Naify, 2005.

- MANSFIELD, K. *Felicidade*. Tradução de Érico Veríssimo. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, s/d.
- MANSFIELD, K. *Felicidade e outros contos*. Tradução de Julieta Cupertino. Rio de Janeiro: Revan, 1991.
- MANSFIELD, K. Hipertrophy. In: *Complete works of Katherine Mansfield*. London: Delphi Classics, 2012. (recurso digital)
- MANSFIELD, K. *Malade*. Tradução de Inês Dias. Disponível em: <<https://tomaaiumpoema.com.br/634-katherine-mansfield-malade-poesia-da-nova-zelandia/>>. Acesso em 29. abr. 2022.
- MANSFIELD, K. *Numa pensão alemã*. Tradução de Carla Kühlewein e Marcia Paganini. Londrina: Alumbre, 2022.
- MANSFIELD, K. *Os melhores contos de Katherine Mansfield*. Tradução de Denise Bottmann. Porto Alegre: L&PM, 2016.
- MANSFIELD, K. *Pájaro de Invierno*. Tradução de Laura Wittner. Buenos Aires: Editorial Maravilla, 2021.
- MANSFIELD, K. *Té de manzanilla y otros 29 poemas*. Tradução de Mirta Rosenberg e Daniel Samoilovich. Buenos Aires: Bajolaluna, 2018.
- MANSFIELD, K. *The Collected Poems of Katherine Mansfield*. Org. Gerri Kimber e Claire Davidson. Edinburgh: Edinburgh University Press, 2016.
- MANSFIELD, K. *The letters and journals of Katherine Mansfield: a selection*, edited by C. K. Stead. NY/London: Penguin Books, 1977.
- MANSFIELD, K. Voices in the air. In: *Complete works of Katherine Mansfield*. London: Delphi Classics, 2012. (recurso digital)
- MCDONNEL, J. Katherine Mansfield, the Magazine Writer. In: MARTIN, T. (org). e *Bloomsbury Handbook to Katherine Mansfield*. London: Bloomsbury Publishing, 2021.
- MURRY, J. M. Introductory note. In: MANSFIELD, K. *Poems*. London: Constable & Co., 1923, xii.
- O'SULLIVAN, V. Introduction. In: *Poems of Katherine Mansfield*. Auckland: Oxford University Press, 1990, xiii.
- RODRIGUES, J. C. *Poesia, conto e pseudônimos: três poemas de Katherine Mansfield*. Mallarmagens. Disponível em: <<http://www.mallarmagens.com/2021/02/mallarseries-nau-corsaria-poesia-conto.html>> Acesso em: 30. abr. 2022.
- SALLES, C.A. *Gesto inacabado: processo de criação artística*. 4ª ed. São Paulo: Annablume, 2009.
- SONTAG, S. *Contra a interpretação e outros ensaios*. Tradução de Denise Bottmann. São Paulo: Companhia das Letras, 2020. [recurso digital]
- STARK, C. G. Um diamante lapidado. In: MANSFIELD, K. *Numa pensão alemã*. Tradução de Julieta Cupertino. Rio de Janeiro: Revan, 1998.
- VERÍSSIMO, É. Conversa com o fantasma de K. Mansfield. In: *As mãos de meu filho*. Porto Alegre: Meridiano, 1942.

Recebido em: 30/04/2022

Aceito em: 10/09/2022